

Zélia: País pode rever proposta feita a bancos

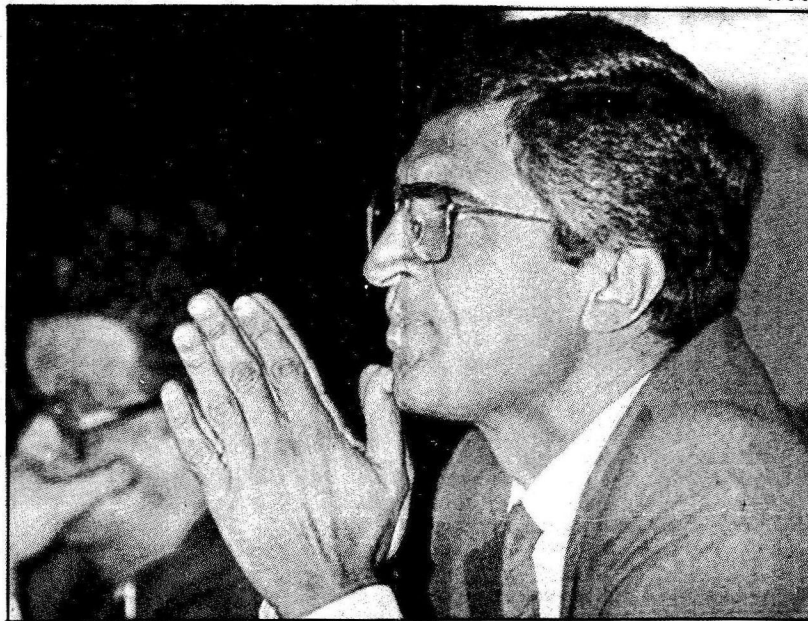
SÃO PAULO E BRASÍLIA — A proposta de pagamento de US\$ 940 milhões de juros atrasados feita aos bancos credores anteontem ainda poderá ser revista, reconheceu ontem a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. A proposta brasileira, apresentada pelo Embaixador Jório Dauster, prevê o pagamento até o final do ano dos US\$ 940 milhões de juros atrasados e de US\$ 290 milhões que vencem no primeiro trimestre de 1991, mas o Governo ainda está em processo de negociação com os credores e, portanto, sujeito a modificar os números apresentados.

A falta de acordo com uma inesperada apresentação de proposta do Senador Severo Gomes (PMDB-SP), condicionando o pagamento dos juros atrasados à liberação de “dinheiro novo” — concessão de um empréstimo pelos banqueiros internacionais — adiou para o dia 6 de dezembro a votação no Senado, programada para ontem, da resolução que define os limites da negociação da dívida externa. Severo Gomes “atropelou” as negociações do Sena-

dor Jorge Bornhausen (PFL-SC) que, com apoio da equipe econômica, flexibilizava a redação original para permitir o pagamento de uma parcela dos juros atrasados. O adiamento da votação foi solicitado pelo Líder do PFL, Senador Odacir Soares.

Os senadores terão que se decidir entre três propostas, que guardam pouca relação com a contraproposta brasileira aos bancos credores.

A de Fernando Henrique, se aprovada agora, dificulta as negociações, porque impede a antecipação dos pagamentos. A de Bornhausen permite o pagamento, mas deduz o montante do total de recursos para o primeiro leilão de conversão da dívida em bônus de curto, médio e longo prazos. E a do senador Severo Gomes transfere a solução para os banqueiros internacionais, na medida em que vincula o pagamento à concessão de um empréstimo no mesmo valor. “Se os bancos estão com problemas para fechar seus balanços que corram atrás dos dólares, emprestem ao Brasil”, afirmou.



Eris: se é preciso negociar os atrasados antes de negociar a dívida, tudo bem